

A AQUISIÇÃO DO “SE” TÉLICO POR FALANTES NATIVOS DE PORTUGUÊS BRASILEIRO APRENDIZES DE ESPANHOL COMO L2

LA ADQUISICIÓN DEL “SE” TÉLICO POR HABLANTES NATIVOS DE PORTUGUÉS
BRASILEÑO APRENDICES DE ESPAÑOL COMO L2

THE ACQUISITION OF THE TELIC “SE” BY NATIVE SPEAKERS OF BRAZILIAN PORTUGUESE
SPANISH LEARNERS AS L2

Jean Carlos da Silva Gomes*

Universidade da Força Aérea / Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: A telicidade é uma noção aspectual semântica caracterizada pela presença de um ponto final inerente da situação marcado linguisticamente. No português, pode-se realizá-la por meio da presença de um complemento direto delimitado e/ou por um sintagma preposicional delimitador. No espanhol, além das formas existentes também no português, é possível utilizar um clítico, conhecido como “se” tólico, acompanhado de um complemento direto delimitado. O objetivo deste trabalho é contribuir para o entendimento acerca da aquisição de categorias aspectuais por falantes nativos de português brasileiro aprendizes de espanhol como L2. Mais especificamente, pretende-se verificar se os aprendizes reconhecem e utilizam o “se” tólico para a expressão do valor aspectual de telicidade na L2. Para tanto, foram aplicados dois testes linguísticos, um de produção e um de compreensão, a estudantes do curso de graduação em espanhol em nível intermediário e avançado. Os resultados indicam que, em ambos os níveis, há sujeitos que utilizam o “se” tólico, enquanto outros, não, ao mesmo tempo em que há sujeitos que consideram a presença desse clítico aspectual na sentença como gramatical enquanto outros a consideram agramatical. Observou-se ainda que não há diferença significativa nos resultados de aprendizes em nível intermediário e avançado.

PALAVRAS-CHAVE: Aspecto semântico. Telicidade. Clítico aspectual. “Se” tólico. Aquisição de L2.

RESUMEN: La telicidad es una noción aspectual semántica que se caracteriza por la presencia de un punto final inherente de la situación marcado lingüísticamente. En portugués, dicha delimitación se puede hacer por medio de la presencia de un complemento directo delimitado y/o de un sintagma preposicional delimitador. En español, además de las formas existentes también en portugués, es posible utilizar un clítico, que se conoce como “se” tólico, combinado con un complemento directo delimitado. El objetivo de este trabajo contribuir a la comprensión de la adquisición de categorías aspectuales por hablantes nativos de portugués brasileño aprendices de español como L2. Más específicamente, se pretende verificar si los aprendices usan el “se” tólico para expresar el valor aspectual de telicidad en la L2. Para este fin, se aplicaron dos pruebas lingüísticas, una de producción y otra de comprensión, a estudiantes del curso de graduación en español en los niveles intermedio y avanzado. Se observó en los resultados

* Professor do Magistério Superior em Espanhol na Universidade da Força Aérea. Doutor e Mestre em Linguística, Licenciado e Bacharel em Letras: Português-Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: gomes.jean@letras.ufrj.br.

que, em ambos níveis, hay sujetos que usan el “se” tético mientras que otros no lo utilizan, al mismo tiempo hay sujetos que consideran la presencia de este clítico aspectual en la sentencia como gramatical, mientras que otros la consideran agramatical. Los resultados señalan que, en ambos niveles, hay aprendices que utilizan el “se” tético mientras que otros no, al paso que hay aprendices que consideran la presencia del clítico aspectual en la oración como gramatical mientras que otros la consideran agramatical. Además, se observó que no hay diferencia significativa entre los resultados de aprendices en nivel intermedio y nivel avanzado.

PALABRAS-CLAVE: Aspecto Léxico. Telicidad. Clítico aspectual. “Se” tético. Adquisición de L2.

ABSTRACT: Telicity is a semantic aspectual notion characterized by the presence of a linguistically marked inherent endpoint of the situation. In Portuguese, it can be done through the presence of a delimited direct complement and/or a delimiter prepositional phrase. In Spanish, in addition to the existing forms in Portuguese, it is possible to use a clitic, known as a telic “se”, accompanied by a delimited direct complement. The aim of this investigation is to contribute to the understanding of the acquisition of aspectual categories by native speakers of Brazilian Portuguese Spanish learners as L2. More specifically, we intend to verify whether learners recognize and use the telic “se” to express the aspectual value of telicity in the L2. For this purpose, two linguistic tests were applied, one for production and one for comprehension, to students of the graduation course in Spanish at intermediate and advanced levels. The results indicate that, at both levels, there are subjects who use the telic “se”, while others do not, while there are subjects who consider the presence of this aspectual clitic in the sentence as grammatical while others consider it ungrammatical. It was also observed that there is no significant difference in the results of learners at intermediate and advanced levels.

KEYWORDS: Lexical aspect. Telicity. Aspectual clitic. Telic “se”. L2 acquisition.

1 INTRODUÇÃO

Aspecto, segundo Comrie (1976), refere-se às distintas maneiras de visualizar a composição temporal interna de uma situação, podendo ser gramatical ou semântico. O aspecto gramatical refere-se ao valor expresso pelos itens gramaticais contidos na sentença, como a morfologia verbal ou advérbios e expressões adverbiais (Comrie, 1976; Cinque, 1999), enquanto o aspecto semântico, foco deste trabalho, refere-se aos valores aspectuais semânticos inerentes à raiz verbal, aos argumentos e/ou aos adjuntos presentes na sentença (Comrie, 1976; Smith, 1991).

Comrie (1976) postulou a existência de três oposições aspectuais semânticas, são elas: estaticidade *versus* dinamicidade, pontualidade *versus* duratividade e telicidade *versus* atelicidade. Esta última diz respeito à presença de um ponto final inerente da situação marcado linguisticamente na sentença. Dessa forma, quando a sentença contém esse ponto final, é considerada tética, quando não, atética.

Segundo De Miguel (1999), Lourençoni (2014) e Gomes e Martins (2020a), no português e no espanhol, é possível realizar a telicidade por meio de um complemento direto delimitado, como em “João comeu uma maçã / *Juan comió una manzana*”, e/ou por meio de um sintagma preposicional delimitador, como em “João correu até a esquina / *Juan corrió hasta la esquina*”. Há ainda, no espanhol, uma forma inexistente no português que consiste no uso de um clítico aspectual, conhecido como “se” tético, combinado a um complemento direto delimitado, como em “*Juan se comió una manzana*”.

Dessa maneira, o objetivo geral deste trabalho é contribuir para o entendimento acerca da aquisição de categorias aspectuais no espanhol como L2 por falantes nativos de português brasileiro. Mais especificamente, pretende-se investigar como esses aprendizes realizam o valor aspectual de telicidade. Para tanto, busca-se verificar se esses sujeitos utilizam o “se” tético para expressão desse aspecto semântico e se consideram gramatical sua presença em sentenças téticas no espanhol.

Foram elaboradas duas hipóteses para este estudo, são elas: (i) falantes nativos do português brasileiro aprendizes de espanhol como L2 utilizam o “se” tético para a expressão de telicidade na L2 apenas quando possuem nível avançado e (ii) falantes nativos do português brasileiro aprendizes de espanhol como L2 consideram gramatical o uso do “se” tético em sentenças téticas no espanhol apenas quando possuem nível avançado.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, discorremos sobre o valor aspectual de telicidade; na segunda, apresentamos as formas de realização linguística dessa noção aspectual no português e no espanhol; na terceira, expomos a metodologia adotada neste trabalho; na quarta, apresentamos e analisamos os resultados obtidos nesta pesquisa; e, por fim, na última seção, dissertamos sobre as considerações finais deste estudo.

2 O VALOR ASPECTUAL DE TELICIDADE

A telicidade é uma noção aspectual semântica caracterizada pela presença de um ponto final inerente da situação marcado linguisticamente na sentença (Comrie, 1976; Dahl, 1977; Declerck, 1979; Slabakova, 2000; Bertinetto, 2001; Basso, 2007; Rothstein, 2008; Gomes; Martins, 2020a, 2020b). Um evento télico é aquele que apresenta tal ponto final, como no exemplo em (1), enquanto um evento atélico é aquele que não o possui, como no exemplo em (2).

(1) Clara comeu uma banana.

(2) Clara comeu bananas.

A análise acerca do valor aspectual télico das sentenças em (1) e em (2) pode ser feita por meio da verificação do tipo de complemento verbal. Em (1), podemos observar que o complemento “uma banana” confere um ponto final ao evento de modo que a situação descrita na sentença não possa continuar para além desse ponto e, por isso, a sentença é télica. Por outro lado, na sentença em (2), o termo “bananas” não confere tal delimitação e, por isso, a sentença é atélica.

De acordo com Bertinetto (2001), uma das formas mais eficientes de verificar o valor aspectual télico de uma sentença é por meio da análise do complemento verbal, como feito acima. No entanto, vale destacar que a categoria linguística de aspecto é composicional e, portanto, para identificação do valor de telicidade de uma sentença, deve ser verificada também a contribuição que os demais itens que compõem a sentença apresentam (Verkuyl, 2002; Wachowicz, 2008; Freitag, 2011).

Inicialmente, autores, como Smith (1991), propuseram que a telicidade seria um traço presente nos verbos. Assim, no que diz respeito à classificação de verbos proposta por Vendler (1967), os *accomplishments*, por exemplo em (3), e os *achievements*¹, por exemplo em (4), seriam aqueles que carregariam o traço [+télico], tendo em vista que apresentam um ponto final delimitado.

(3) João procurou a chave.

(4) João achou a chave.

Em uma direção contrária, outros autores, como Verkuyl (2002) e Wachowicz (2008), indicam que a telicidade é um valor aspectual que decorre da combinação entre os elementos presentes na sentença, não sendo especificado na raiz verbal. Segundo Wachowicz (2008), a telicidade é uma propriedade interna ao VP e, por isso, seu valor é conferido pela delimitação presente nos complementos verbais e nos adjuntos preposicionais. Se observarmos as sentenças em (3) e em (4), apresentadas anteriormente, percebemos que é o complemento “a chave” que confere uma delimitação ao evento e, por isso, ambas as sentenças podem ser consideradas télicas. No exemplo em (5), a seguir, extraído de Wachowicz (2008, p.62), a delimitação é conferida, por sua vez, por meio do adjunto preposicional “até o fim da piscina”.

(5) João nadou até o fim da piscina.

¹ Verbos de *accomplishment* e *achievement* são verbos dinâmicos, tendo em vista que requerem um gasto de energia para que ocorram, o que os diferenciam de verbos de estado, como em “João ama Maria”, e apresentam um ponto final delimitado linguisticamente, o que os diferem de verbos de atividade, como em “João corre todos os dias”. A diferença entre esses dois reside primordialmente no fato de que os *accomplishments* são durativos e *achievements* são pontuais.

Verkuyl (2002) destaca ainda que, além desses, outros elementos também desempenham um papel importante na delimitação do evento. Para esse autor, o valor de telicidade é depreendido de uma leitura composicional dos itens contidos na sentença, incluindo, além dos itens descritos por Wachowicz (2008), o sujeito verbal. Em sua proposta, Verkuyl (2002) destaca que um dos traços classificadores dos tipos de verbo é o $[\pm\text{SQA}]^2$, que está relacionado à quantificação dos itens presentes nos NPs que ocupam a posição de sujeito e de complemento. Assim, quando um evento não é estativo, uma vez que telicidade e estatividade não são considerados valores aspectuais semânticos compatíveis (Comrie, 1976; Smith, 1991; Sanz; Laka, 2002; Lourençoni, 2017), é a marcação do traço $[\pm\text{SQA}]$ que indica o valor aspectual de telicidade da sentença.

Quando os itens presentes no NP sujeito e no NP complemento carregam o traço $[\text{+SQA}]$, a sentença é considerada télica, como em (6), ao passo que, quando carregam o traço $[-\text{SQA}]$, a sentença é considerada atélica, como em (7). No entanto, quando um item da sentença carrega o traço $[-\text{SQA}]$, ainda que o outro carregue o traço $[\text{+SQA}]$, por exemplo em (8), em que o item na posição de sujeito carrega o traço marcado negativamente e o item na posição de objeto carrega o traço marcado positivamente, a sentença é considerada atélica.

(6) *Mary walk three miles.*

‘Maria caminhou três milhas.’

(7) *Children walk miles.*

‘Crianças caminharam milhas.’

(8) *Children walk three miles.*

‘Crianças caminharam três milhas.’

Logo, entendemos que a proposta de Verkuyl (2002) difere-se da adotada por autores como Wachowicz (2008), pois, para essa autora, a delimitação presente no complemento verbal já seria suficiente para classificar a sentença como télica. Para Verkuyl (2002), por outro lado, é necessário levar em consideração também o papel do sujeito na construção verbal.

Para além das informações relacionadas aos fatores aspectuais semânticos da sentença, alguns autores buscaram também discutir a relação entre o aspecto gramatical e o aspecto semântico na expressão de telicidade. Estudos, como os de Castilho (2003) e Freitag (2011), demonstram que predicados télicos se coadunam mais frequentemente com a morfologia perfectiva enquanto predicados atélicos com a morfologia imperfectiva. Tal discussão também encontra lugar nos dados obtidos por meio de estudos de aquisição da linguagem. Andersen e Shirai (1996) e Araújo (2018) indicam que verbos télicos são primeiramente combinados à morfologia perfectiva e só depois aparecem, na fala das crianças, combinados à morfologia imperfectiva.

A noção aspectual de telicidade pode ser realizada de diversas maneiras nas línguas (Slabakova, 2000; Suárez-Cepeda, 2005; Gomes, 2022b). Visto que, neste trabalho, objetiva-se verificar como falantes de português brasileiro aprendizes de espanhol como L2 realizam linguisticamente esse valor, apresentamos, na próxima seção, uma revisão das formas de realização linguística de telicidade no português e no espanhol.

3 REALIZAÇÕES LINGÜÍSTICAS DE TELICIDADE NO PORTUGUÊS E NO ESPANHOL

Segundo Lourençoni (2014), há três formas comuns no português e no espanhol para realização linguística do valor aspectual de telicidade. A primeira delas caracteriza-se pela inserção de um complemento direto delimitado na sentença, descrito por De Miguel (1999) como aquele capaz de conferir um limite ao evento, como nos exemplos em (9), do português, e em (10), do espanhol.

² A sigla diz respeito ao termo em inglês “*Specified Quantity of A*”.

(9) Pedro comeu três maçãs.

(10) *Pedro comió tres manzanas.*

‘Pedro comeu três maçãs.’

De acordo com Moure (1990), Slabakova (2000), Rothstein (2008), Gomes e Martins (2020a, 2020b) e Gomes (2022a; 2022b), esses complementos podem ser introduzidos por numerais, como em (9) e (10), por determinantes singulares, como em (11), e por determinantes plurais, como em (12).

(11) *Juan comió una manzana.*

‘João comeu uma maçã.’

(12) *Juan comió las/algumas manzanas.*

‘João comeu as/algumas maçãs.’

Autores como Rothstein (2008), Gomes e Martins (2020a, 2020b) e Gomes (2022a) destacam que os complementos diretos delimitados não necessitam de uma expressão de quantidade precisa, mas apenas de um elemento que delimite o evento e, por isso, até mesmo determinantes plurais indefinidos, como “*muchos(as)*”, “*vários(as)*”, “*pocos(as)*” e “*ciertos(as)*”, podem direcionar a uma leitura tética da sentença. Por outro lado, um complemento sem determinante não apresenta uma delimitação linguística e, por isso, a sentença é considerada atélica, como no exemplo em (13).

(13) *Juan comió manzanas.*

‘João comeu maçãs.’

A segunda forma de realização linguística do valor aspectual de telicidade comum no português e no espanhol dá-se por meio do uso de um adjunto caracterizado como um sintagma preposicional delimitador, como observado nos exemplos em (14), do português, e em (15), do espanhol.

(14) João caminhou até o fim da rua.

(15) *Juan caminó hasta el fin de la calle.*

‘João caminhou até o fim da rua.’

A terceira forma de realização linguística comum a ambas as línguas é por meio da combinação entre as duas formas anteriores, ou seja, da junção entre um complemento direto delimitado e um sintagma preposicional delimitador, como nos exemplos em (16), do português, e em (17), do espanhol.

(16) João nadou 50 metros até o fim da piscina.

(17) *Juan nadó 50 metros hasta el fin de la piscina.*

‘João nadou 50 metros até o fim da piscina.’

Para além dessas formas, há no espanhol uma forma inexistente no português para realização dessa noção aspectual, sendo esta caracterizada pelo uso de um clítico com valor aspectual de telicidade, conhecido como “*se*” tético³. Seu uso é opcional no espanhol,

³ Já foram postuladas outras nomenclaturas para esse clítico na literatura, são elas: “*se*” delimitador (De Miguel, 1999), clítico tético (Sanz; Laka, 2000), “*se*” aspectual (López, 2002), dativo de interesse (D’introno; González; Rivas, 2007), partícula “*se*” (Gomes, 2017), operador aspectual “*se*” (De Miguel; Lagunilla, 2000; Lourençoni, 2017) ou “*se*” tético (Martins; Gomes; Lourençoni, 2017; Gomes; Martins, 2020a, 2020b; Gomes, 2022a).

porém, quando está presente na sentença, indica que essa necessariamente é tética. Vale ressaltar que o “*se*” tético⁴ não é o responsável por conferir o valor de telicidade à sentença, mas ratifica que essa noção aspectual semântica é veiculada nela. Assim, é necessário que esteja combinado com verbos que contenham um complemento direto delimitado, como nos exemplos em (18), em (19) e em (20).

(18) *Juan se comió un plátano.*

‘João comeu uma banana.’

(19) *Juan se comió tres plátanos.*

‘João comeu três bananas.’

(20) *Juan se comió algunos plátanos.*

‘João comeu algumas bananas.’

Uma vez que complementos sem determinantes direcionam a uma leitura atética da sentença, a combinação do “*se*” tético com verbos que contenham esses complementos é considerada agramatical no espanhol, como verificado no exemplo em (21), a seguir.

(21) **Juan se comió manzanas.*

‘João comeu maçãs.’

De acordo com Sanz (2002), a presença desse clítico é bastante frequente em sentenças que contenham verbos de ingestão, aqueles que remetem a ideia de que um sujeito toma algo para si (Arce Arcenales *apud* López, 2002), como “*tomar*”, “*beber*”, “*comer*”, “*cenar*” e “*desayunar*”. Martins, Gomes e Lourençoni (2017), Gomes e Martins (2020b) e Gomes (2022a) destacam ainda que a combinação do “*se*” tético é mais frequente no espanhol com os verbos “*comer*”, “*tomar*” e “*fumar*”. No entanto, vale destacar que seu uso não se limita a estes, como observado no exemplo (22), extraído de Gomes e Martins (2020a, s/p), em que aparece combinado com o verbo “*leer*”.

(22) *Me leía treinta pliegos al día.*

‘Eu lia trinta cláusulas por dia.’

Segundo De Miguel (1999), o “*se*” tético só pode figurar em sentenças com verbos transitivos, como no exemplo em (22), apresentado acima, e com verbos inacusativos, como ilustrado na sentença em (23), extraída de De Miguel (1999, p. 2996). Além disso, o uso da morfologia perfectiva, por ressaltar a ideia de um passado acabado, parece fomentar uma maior ocorrência desse clítico aspectual (De Miguel; Lagunilla, 2000).

(23) *El libro se ha caído del estante.*

‘O livro caiu da estante.’

Por fim, levando em consideração a descrição apresentada ao longo desta seção, pode-se observar que as formas de expressão linguística de telicidade no português e no espanhol podem ser resumidas no conteúdo exposto no quadro 1, a seguir.

⁴ Ao utilizar o termo “*se*” tético, fazemos referência a todas as formas que esse clítico possa assumir no espanhol, uma vez que concorda com o sujeito da oração em número e pessoa. Assim, podem ser utilizadas as formas “*me*” para 1ª pessoa do singular, “*te*” para 2ª pessoa do singular, “*se*” para 3ª pessoa do singular e do plural, “*nos*” para 1ª pessoa do plural, “*os*” para 2ª pessoa do plural.

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
Complemento direto delimitador "João nadou 50 metros"	Complemento direto delimitador "Juan nadó 50 metros"
Sintagma preposicional delimitador "João nadou até o fim da piscina"	Sintagma preposicional delimitador "Juan nadó hasta el fin de la piscina"
Complemento direto delimitador + Sintagma preposicional delimitador "João nadou 50 metros até o fim da piscina"	Complemento direto delimitador + Sintagma preposicional delimitador "Juan nadó 50 metros hasta el fin de la piscina"
X	"Se" Télico + Complemento direto delimitador "Juan se comió un plátano"

Quadro 1: Realizações linguísticas do valor de telicidade no português e no espanhol

Fonte: Elaborado pelo autor

Como se pode ver, o português e o espanhol compartilham diversas formas de expressar linguisticamente a telicidade, o que parece ser explicado pelo fato de que sejam línguas moderadamente próximas (Kulikowski; González, 1999). No entanto, observa-se uma diferença que diz respeito à possibilidade existente apenas no espanhol do uso de um clítico com valor aspectual para reforçar a noção de telicidade.

Segundo White (2003), quando duas línguas apresentam um comportamento diferente no que tange a um determinado fenômeno linguístico e a regra subjacente a tal fenômeno na L2 não pode ser apreendida por analogia ou pela frequência de ocorrência no *input*, ressalta-se a importância de empreender uma investigação acerca do processo de aquisição por falantes não-nativos. Baseados nesses preceitos, desenvolvemos, neste estudo, uma investigação sobre a aquisição do "se" télico no espanhol como L2 por falantes nativos do português brasileiro.

Dentre os estudos realizados sobre aquisição de telicidade por aprendizes de L2 que envolvem dados da língua espanhola, revisamos aqui dois deles: um, desenvolvido por Slabakova (2000), em que o espanhol é a L1 dos aprendizes, e outro, desenvolvido por Suárez-Cepeda (2005), em que essa língua é a L2 dos sujeitos.

Slabakova (2000) buscou investigar a aquisição do valor aspectual de telicidade no inglês como L2 comparando dois grupos de aprendizes, um formado por falantes nativos do espanhol e outro por falantes nativos do búlgaro. De acordo com essa autora, tal comparação é produtiva, pois, para ela, o espanhol e o inglês compartilham as mesmas formas de realização do valor aspectual de telicidade, enquanto o búlgaro, não.

Slabakova (2000) realizou um estudo com metodologia experimental e, em seus resultados, observou que os falantes nativos de espanhol apresentaram um desempenho similar ao do grupo controle, formado por falantes nativos do inglês, enquanto os falantes de búlgaro apresentaram baixo desempenho no teste. A autora discorreu que os resultados muito assertivos dos falantes de espanhol, mesmo os que possuíam pouca proficiência em inglês, deu-se porque os parâmetros de sua L1 e de sua L2 para expressar telicidade eram os mesmos. Por outro lado, Slabakova (2000) observou que os falantes de búlgaro apresentaram uma diferença em seu resultado com relação ao desempenho do grupo controle. Com isso, discorreu que tal fato dava-se pela diferença na parametrização aspectual entre as línguas e que esses aprendizes transferiam o padrão de sua L1 para a sua L2, o que explicaria o baixo desempenho no teste.

Suárez-Cepeda (2005), por sua vez, investigou a aquisição do “*se*” tético em sentenças transitivas por falantes nativos de inglês aprendizes de espanhol como L2. Diferentemente de Slabakova (2000), essa autora ressaltou diferenças entre o inglês e o espanhol no que diz respeito à expressão de telicidade. Mais especificamente, Suárez-Cepeda (2005) elencou divergências nos contextos de uso do “*se*” tético no espanhol e da partícula tética “*up*” do inglês⁵. A partir disso, buscou verificar se os aprendizes haviam adquirido os contextos de uso do clítico aspectual na língua-alvo.

Para tanto, a autora realizou um estudo experimental comparando níveis de proficiência diferentes. Em seus resultados, observou que alunos de nível básico e intermediário não diferenciavam sentenças téticas e atélicas na L2, tendo em vista que não foram capazes de relacionar a presença do clítico “*se*” como um marcador tético na sentença, ao passo que alunos avançados demonstravam haver adquirido as propriedades téticas em construções transitivas no espanhol. A autora discutiu que tais dados indicavam que os aprendizes em nível avançado evidenciavam uma redefinição do parâmetro para o valor da L2.

Tendo em vista que os resultados dos estudos revisados até aqui demonstram que aprendizes podem transferir o padrão de realização de telicidade de sua L1 para a sua L2, podendo haver posterior redefinição de parâmetros em estágios mais avançados da aprendizagem, foram elaboradas duas hipóteses para este estudo, são elas: (i) falantes nativos do português brasileiro aprendizes de espanhol como L2 utilizam o “*se*” tético para a expressão de telicidade na L2 apenas quando possuem nível avançado e (ii) falantes nativos do português brasileiro aprendizes de espanhol como L2 consideram gramatical o uso do “*se*” tético em sentenças téticas no espanhol apenas quando possuem nível avançado.

4 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consistiu na aplicação de dois testes linguísticos, um de produção e um de compreensão, a 14 sujeitos falantes nativos do português brasileiro aprendizes de espanhol como L2. Todos tinham idade entre 19 e 33 anos e eram discentes do curso de graduação em Letras: Português - Espanhol (licenciatura ou bacharelado) em uma universidade federal brasileira.

Os aprendizes foram divididos em dois níveis: intermediário e avançado. Participaram sete sujeitos que cursavam a disciplina “Espanhol 4”, realizada por volta da metade do curso de graduação, para compor o nível intermediário, e sete sujeitos que cursavam “Espanhol 8”, última disciplina do curso, para compor o nível avançado⁶.

Antes de realizarem os testes, os participantes preenchiam um formulário que continha um conjunto de questões que visava traçar um perfil do aprendiz. Nele, havia perguntas sobre informações pessoais, como “Em que cidade você nasceu?”, “Quantos anos você tem?”, e também perguntas que buscavam verificar o contato que os sujeitos possuíam com a língua espanhola, como “Há quanto tempo estuda espanhol?”, “Qual o seu contato com o espanhol antes da universidade?”, “Você utiliza o espanhol em seu trabalho? Se sim, como?”, “Você realiza pesquisas sobre a língua espanhola? Se sim, qual seu tema de pesquisa?”, “Você já viveu em um país hispano-falante? Se sim, durante quanto tempo?”.

O primeiro teste aplicado aos participantes foi o de produção semiespontânea, adaptado de Martins, Gomes e Lourençoni (2017). Nele, os sujeitos eram apresentados a 12 slides, um por vez, sendo 4 deles alvo e 8 distratores. Cada slide continha duas imagens, uma com uma ação em andamento e outra com a ação finalizada, a pergunta “¿Qué ocurrió?” (“O que aconteceu?”) e um quadro abaixo das imagens contendo um termo que deveria ser utilizado obrigatoriamente. A tarefa consistia, então, em descrever o que aconteceu nas imagens, utilizando necessariamente o termo presente no quadro.

Em todos os slides alvo, a fim de eliciar a produção do “*se*” tético, as imagens retratavam eventos que continham o contexto de ingestão e propiciavam o uso de verbos transitivos (Sanz, 2000; De Miguel, 1999). No quadro abaixo das imagens, era inserido um

⁵ O inglês, assim como o espanhol, dispõe de uma partícula que reitera o valor aspectual da sentença, “*up*”, como observado no exemplo “*John ate up the apple*”, traduzida ao português como “João comeu a maçã” (Slabakova, 2000; Suárez-Cepeda, 2005).

⁶ Não participaram da pesquisa falantes de espanhol como língua de herança ou que tenham sido criados por falantes nativos da língua.

complemento direto delimitado introduzido por um determinante singular. A figura 1, a seguir, é um exemplo de slide alvo apresentado aos participantes.



Figura 1: Exemplo de slide alvo no teste de produção semiespontânea

Fonte: Martins, Gomes e Lourençoni (2017)

Nos slides distratores, as imagens utilizadas não continham um contexto de ingestão e os termos inseridos no quadro podiam ora ocupar a posição de sujeito ora de complemento, não havendo restrição quanto ao determinante que o introduzia. A figura 2, a seguir, trata-se de um exemplo de slide distrator.



Figura 2: Exemplo de slide distrator no teste de produção semiespontânea

Fonte: Martins, Gomes e Lourençoni (2017)

Ainda que tenhamos utilizado nesse teste contextos que favorecessem o uso do “*se*” tónico nos slides alvo, é necessário levar em consideração que esse clítico é opcional no espanhol e, por isso, poderia não aparecer na produção dos sujeitos. Acreditamos que esses dados não seriam suficientes para o entendimento acerca da aquisição do “*se*” tónico no espanhol como L2 por falantes nativos do português brasileiro. Por isso, foi elaborado também um teste de julgamento de gramaticalidade comentado.

Esse experimento estava composto de 12 sentenças, sendo 4 alvo e 8 distratoras. As sentenças alvo continham o “*se*” tónico combinado a um verbo transitivo com significado de ingestão e morfologia perfectiva acompanhado de um complemento direto delimitado, como se pode ver no exemplo em (24). Os verbos utilizados nessas sentenças foram “*comer*”, “*beber*”, “*tomar*” e “*fumar*”, considerados frequentes com o “*se*” tónico no espanhol.

- (24) *Juan se fumó un cigarrillo.*
 ‘João fumou um cigarro.’

As sentenças distratoras, por sua vez, se dividiam em 4 gramaticais e 4 agramaticais. As sentenças gramaticais caracterizavam-se por períodos bem formados com um sujeito, um verbo e um complemento ou adjunto, como no exemplo em (25). As sentenças agramaticais, por sua vez, caracterizavam-se pelo uso inadequado de um elemento na sentença, como a posição do clítico, por exemplo em (26), ou o uso inadequado de uma preposição, como em (27).

(25) *Juan mató a su hermano.*

‘João matou seu irmão.’

(26) **Juan escribió le una carta.*

‘João escreveu lhe uma carta.’

(27) **Juan caminó de el parque.*

‘João caminhou de o parque.’

A tarefa, nesse teste, consistia no julgamento das sentenças como naturais ou estranhas. Caso fossem consideradas como naturais, os participantes deveriam indicar com um “OK”, ao passo que, caso fossem consideradas como estranhas, os sujeitos deveriam fazer alterações na sentença de maneira a torná-la natural.

Como antes dos dois testes não havia nenhum treinamento para que os sujeitos se acostumassem com as tarefas, os primeiros slides, no teste de produção semiespontânea, e as primeiras sentenças, no teste de julgamento de gramaticalidade comentado, eram distratores. Assim, quando os participantes chegavam aos slides/sentenças alvo, já possuíam uma prática no modelo dos testes. Por fim, vale destacar que a aplicação ocorreu por meio de um formulário *Google* anônimo, que foi enviado aos participantes por meio da internet.

5 RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos, primeiramente, os resultados obtidos no teste de produção semiespontânea e, em seguida, no teste de julgamento de gramaticalidade comentado. Vale ressaltar que, em ambos os casos, discorreremos inicialmente sobre o desempenho dos aprendizes em nível intermediário e, após, os de nível avançado.

No teste de produção semiespontânea, os aprendizes em nível intermediário, em 24 sentenças (86%), não utilizaram o “se” tético para realização do valor aspectual de telicidade, como se pode ver no exemplo em (28). Por outro lado, em 4 sentenças (14%), esse clítico aspectual foi utilizado, como exemplificado em (29). O gráfico 1, apresentado após os exemplos, trata-se de um resumo dos resultados descritos neste parágrafo.

(28) *La mujer comió un plátano.*

‘A mulher comeu uma banana.’

(29) *La mujer se comió un plátano.*

‘A mulher comeu uma banana.’

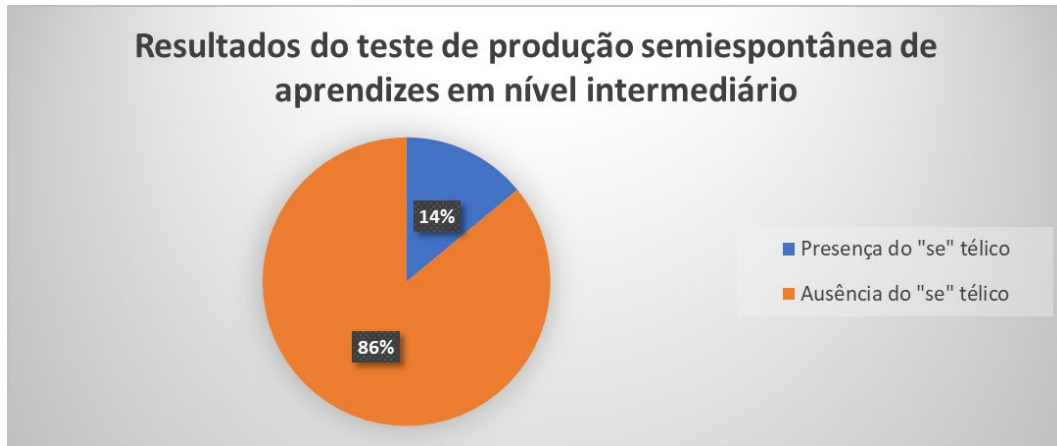


Gráfico 1: Resultados do teste de produção semiespontânea do nível intermediário

Fonte: Elaborado pelo autor

Vale destacar que as quatro sentenças em que foi usado o “se” tónico referem-se à produção de somente dois aprendizes, tendo um deles produzido três sentenças com esse clítico aspectual enquanto o outro produziu apenas uma. Todos os outros cinco participantes não utilizaram o clítico aspectual em suas respostas.

Ademais, ressaltamos ainda que, na produção desses sujeitos, foram encontradas ocorrências do “se” tónico combinado com os verbos de ingestão “comer”, como no exemplo em (29), apresentado anteriormente, “beber” e “tomar”, como ilustrado, respectivamente, nos exemplos em (30) e em (31), a seguir. No entanto, não foi encontrado nenhum dado em que houvesse a combinação com o verbo de ingestão “fumar”.

(30) *El chico se bebió un vaso de zumo.*

‘O menino bebeu um copo de suco.’

(31) *La joven se tomó una copa de vino.*

‘A jovem tomou uma taça de vinho.’

Com relação aos resultados dos aprendizes em nível avançado no teste de produção semiespontânea, em 20 sentenças (71%), os participantes não utilizaram o “se” tónico para realizar o valor aspectual de telicidade, como no exemplo em (32). Por outro lado, em 8 sentenças (29%), os participantes utilizaram esse clítico aspectual, como ilustrado em (33). O gráfico 2, apresentado após os exemplos, resume os dados apresentados neste parágrafo.

(32) *La señora fumó un cigarrillo.*

‘A senhora fumou um cigarro.’

(33) *La señora se fumó un cigarrillo.*

‘A senhora fumou um cigarro.’

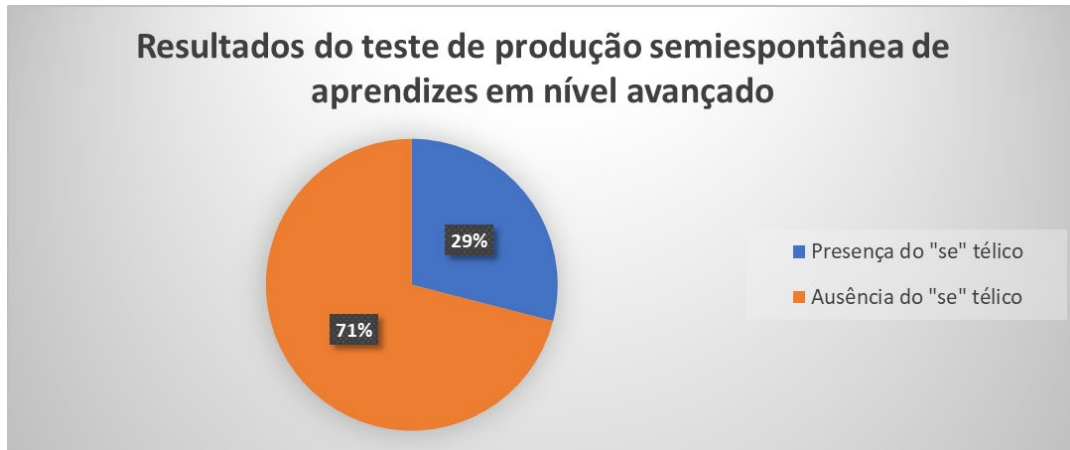


Gráfico 2: Resultados do teste de produção semiespontânea do nível avançado

Fonte: Elaborado pelo autor

Vale destacar que as oito sentenças em que foi usado o “*se*” tónico referem-se à produção de somente três aprendizes, tendo um deles produzido apenas uma sentença com esse clítico, outro, três, e outro, quatro. Todos os outros quatro participantes não utilizaram o clítico aspectual em suas respostas.

Com relação aos verbos de ingestão produzidos pelos sujeitos, diferentemente do que foi observado nos dados dos aprendizes em nível intermediário, no nível avançado, não foi encontrada nenhuma restrição de sua combinação com o “*se*” tónico. Foram encontradas ocorrências com “*fumar*”, como no exemplo (33) apresentado antes do gráfico 2, e com os verbos “*comer*”, “*beber*” e “*tomar*”, exemplificados, respectivamente, em (34), (35) e (36).

(34) *La mujer se comió un plátano.*

‘A mulher comeu uma banana.’

(35) *Se bebió un vaso de zumo.*

‘Bebeu um copo de suco.’

(36) *La chica se tomó una copa de vino.*

‘A menina tomou uma taça de vinho.’

Com relação aos resultados obtidos por meio da aplicação do teste de julgamento de gramaticalidade comentado aos aprendizes em nível intermediário, observamos que 12 das sentenças alvo (43%), aquelas que continham o “*se*” tónico, foram consideradas gramaticais e, por isso, os sujeitos não realizaram nenhuma alteração nelas. Por outro lado, em 16 (57%), os aprendizes excluíram o “*se*” tónico da sentença, como exemplificado em (37). O gráfico 3, apresentado após o exemplo, resume o panorama descrito neste parágrafo.

(37) *Juan fumó un cigarrillo.*

‘João fumou um cigarro.’

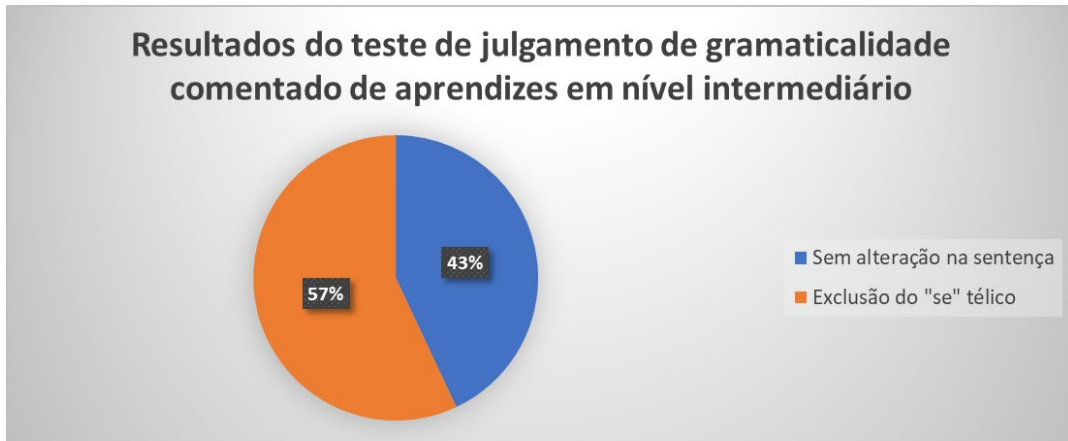


Gráfico 3: Resultados do teste de julgamento de gramaticalidade comentado do nível intermediário

Fonte: Elaborado pelo autor

No que tange ao desempenho individual, vale destacar que seis dos sete participantes consideraram, pelo menos, uma das quatro sentenças que continham o “se” tónico como gramatical. Somente um dos sujeitos considerou em todos os casos o uso do clítico aspectual como agramatical.

Com relação aos verbos presentes nas sentenças do teste, notamos que houve um número similar de aceitação entre os sujeitos das sentenças com os verbos de ingestão “comer”, “beber” e “tomar”. Porém, nas sentenças que continham o verbo de ingestão “fumar”, a aceitação do “se” tónico ocorreu em menor número, restringindo-se a apenas três casos.

Com relação aos resultados dos aprendizes em nível avançado no teste de julgamento de gramaticalidade comentado, em 16 ocorrências (57%), os sujeitos consideraram as sentenças como gramaticais e, por isso, não realizaram nenhuma alteração. Por outro lado, em 12 (43%), o “se” tónico foi excluído, como se pode verificar no exemplo (38). O gráfico 4, apresentado após o exemplo, ilustra os resultados descritos neste parágrafo.

(38) *Juan bebió un vaso de zumo.*

‘João bebeu um copo de suco.’

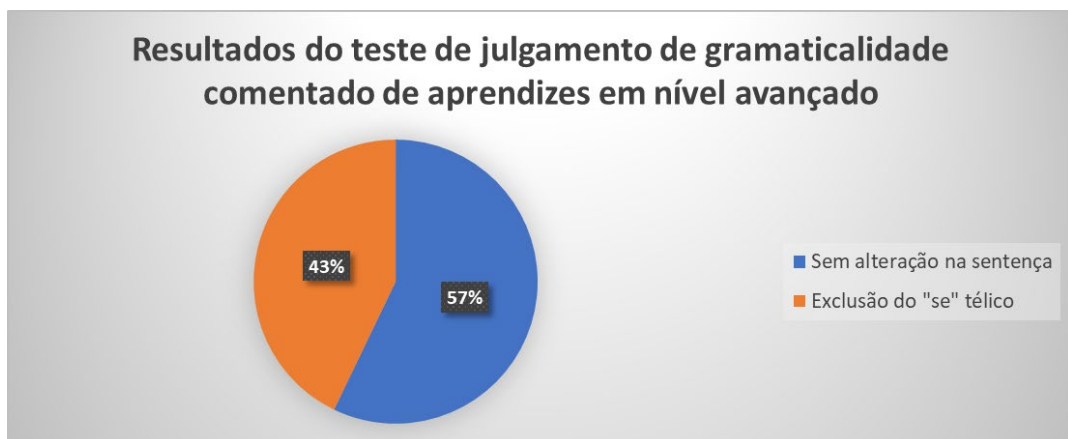


Gráfico 4: Resultados do teste de julgamento de gramaticalidade comentado do nível avançado

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao analisar o desempenho individual dos sujeitos, percebemos que apenas um deles julgou todas as sentenças que continham o “se” tónico como estranhas, enquanto os outros consideraram, em pelo menos uma delas, a presença do clítico aspectual como natural. Com relação aos verbos de ingestão, observou-se uma quantidade similar de aceitação com os verbos “comer”, “tomar” e “fumar”. No entanto, houve uma baixíssima aceitação do “se” tónico com o verbo de ingestão “beber”, restringindo-se a apenas três casos.

6 DISCUSSÃO

Ao longo desta seção, empreendemos uma discussão a partir dos resultados obtidos por meio da aplicação do teste de produção, em seguida, do teste de compreensão e, por fim, apresentamos considerações mais gerais sobre os resultados deste estudo.

No teste de produção semiespontânea, como descrito na seção anterior, diferentemente da expectativa descrita pela hipótese, houve realização do “se” tético pelos aprendizes em nível intermediário, ainda que em pouca quantidade, totalizando apenas 14% dos dados. No entanto, essa produção dizia respeito somente a respostas de dois sujeitos, enquanto os outros cinco não utilizaram o clítico aspectual⁷.

Com relação aos resultados dos sujeitos em nível avançado nesse teste, observou-se uma produção em maior quantidade de sentenças com uso do “se” tético em comparação com o nível intermediário, totalizando 29% dos dados, decorrentes de respostas de três sujeitos. Para verificar se a diferença no desempenho dos aprendizes de níveis intermediário (14%) e avançado (29%) era significativa, aplicou-se o teste estatístico qui-quadrado, cujo resultado indicou que tal distinção não era significativa entre os níveis ($p=0.193$).

A partir dos resultados observados no teste de produção semiespontânea, pode-se concluir que a hipótese 1 deste estudo, que previa que falantes nativos do português brasileiro aprendizes de espanhol como L2 utilizam o “se” tético para a expressão de telicidade na L2 apenas quando possuem nível avançado, foi refutada. Tal conclusão decorre do fato de que alguns falantes, mesmo em nível intermediário, utilizaram o clítico aspectual para realizar linguisticamente a telicidade.

Apesar de termos observado que alguns aprendizes usaram o “se” tético enquanto outros, não, tais dados, advindos de teste de produção, não são considerados suficientes para discorrer sobre a aquisição do clítico aspectual. Por um lado, alguns aprendizes utilizaram o clítico e não cometeram nenhuma violação sintático-semântica em seu uso, o que parece indicar que adquiriram sua função no espanhol; por outro, a ausência desse clítico na produção dos demais aprendizes não pode ser entendida como uma evidência de sua não-incorporação na gramática mental tendo em vista que seu uso é opcional. Por isso, faz-se importante analisar também os resultados obtidos no teste de compreensão.

No teste de julgamento de gramaticalidade comentado, os aprendizes em nível intermediário, em 43%, consideraram as sentenças que continham o “se” tético como gramatical ao passo que, em 57%, houve rejeição dessas sentenças. Tal fato pode ser interpretado de duas maneiras.

A primeira interpretação é a de que, na compreensão, os sujeitos parecem demonstrar que reconhecem o uso do “se” tético e, por isso, observa-se maior quantidade de aceitação do que realização linguística na produção. O destaque, nesse caso, recai sobre os 43% de aceitação das sentenças no teste de compreensão em comparação com 14% de uso do “se” tético observado no teste de produção.

A segunda interpretação, por outro lado, nos permite questionar a margem tão próxima entre 43% de aceitação e 57% de rejeição. Assim, ainda que os aprendizes tenham aceitado 43% das sentenças, mais da metade foram consideradas agramaticais, o que nos permite questionar se eles realmente reconhecem o uso do “se” tético ou apenas estão sendo mais toleráveis no julgamento de sentenças nesse teste⁸.

Os aprendizes em nível avançado, por sua vez, no teste de julgamento de gramaticalidade comentado, consideraram 57% das sentenças que continham o “se” como gramatical ao passo que rejeitaram 43%. Inicialmente, os dados parecem revelar que há uma maior aceitação dos aprendizes em nível avançado, porém, tal diferença não se mostra estatisticamente significativa ($p=0.422$).

⁷ Ao longo da análise empreendida aqui, buscamos, a partir das informações fornecidas pelos aprendizes no formulário, verificar se haveria algum fator no perfil dos sujeitos que pudesse explicar a diferença em seu desempenho. Porém, não foi encontrada nenhuma correlação entre os resultados obtidos e as características específicas de seu perfil traçadas por meio do formulário. Tal fato abrange o desempenho de indivíduos tanto do nível intermediário quanto do avançado.

⁸ Estudos como os de Gomes, Martins e Rodrigues (2021) destacam que os sujeitos podem ser mais toleráveis em testes de julgamento de gramaticalidade, o que poderia explicar a quantidade de aceitação das sentenças alvo por alguns participantes.

Acreditamos que as duas interpretações dos dados no teste de julgamento de gramaticalidade comentado apresentadas para discutir o desempenho dos aprendizes em nível intermediário podem ser aplicadas também a esses tendo em vista as similaridades nos resultados obtidos.

Diante disso, a hipótese 2 do estudo, que previa que falantes nativos do português brasileiro aprendizes de espanhol como L2 consideram gramatical o uso do “*se*” tético em sentenças téticas no espanhol apenas quando possuem nível avançado, foi refutada. A refutação se deu porque não só os aprendizes em nível avançado, mas também alguns em nível intermediário, julgaram sentenças que continham o clítico aspectual como gramatical no espanhol.

Um dos tópicos que ganha destaque nos estudos sobre o uso do “*se*” tético em espanhol diz respeito a sua maior incidência com alguns verbos de ingestão em detrimento de outros. Nos dados dos aprendizes intermediários, na produção, não houve combinação com “*fumar*” e, nos dados de compreensão, esse verbo foi o que obteve menor aceitação com o “*se*”. Esses dados diferem-se dos observados em estudos com falantes nativos. De acordo com Gomes e Martins (2020b), a combinação com esse verbo é uma das mais aceitas pelos falantes.

Por outro lado, nos dados dos aprendizes em nível avançado, houve combinação do “*se*” com todos os verbos na produção, porém, na compreensão, houve menor aceitação com o verbo “*beber*”. Esses dados parecem seguir na mesma direção dos dados observados a partir de estudos sobre falantes nativos. Gomes e Martins (2020b) e Gomes (2022a) indicam que a combinação do “*se*” tético com “*beber*” é menor do que a com outros verbos de ingestão. Os falantes nativos, em testes linguísticos, costumam substituí-lo por “*tomar*” quando combinado com o “*se*” tético. Nesse caso, parece possível inferir que os aprendizes em nível avançado apresentam um comportamento linguístico que se assemelha ao dos falantes nativos no que tange a essa questão.

Acreditamos que seria importante verificar, em etapas futuras desta pesquisa, se os sujeitos que utilizaram o clítico aspectual e consideraram sua presença como gramatical nas sentenças reconhecem também as restrições de uso dessa partícula. Desse modo, seria possível entender se, além de reconhecer a existência e função desse clítico no espanhol, esses sujeitos são capazes de identificar os contextos em que seu uso não seria possível.

Uma interpretação para a ausência do uso do “*se*” tético na produção e alta quantidade de rejeição no teste de julgamento pelos aprendizes, tanto em nível intermediário quanto avançado, pode estar relacionada ao modo como a aquisição de L2 desses sujeitos ocorreu. Os participantes indicaram no formulário que seu processo de aprendizagem de espanhol se desenvolveu em contexto formal de sala de aula e, mesmo aqueles que tiveram oportunidade de realizar um intercâmbio, quando o fizeram, já possuíam conhecimento da língua.

Assim, é possível que o baixo uso do “*se*” tético e desconhecimento de sua função possam ser decorrentes do fato de que tal informação não esteja presente em materiais didáticos para ensino de língua espanhola. Por isso, buscamos analisar algumas coleções didáticas para os níveis de ensino médio, de curso livre ou de graduação se havia alguma informação sobre o clítico aspectual.

Para tanto, verificamos os seguintes materiais: a coleção *Síntesis*, produzida por Martin (2010), voltada para o ensino médio; as coleções *Español Lengua Viva*, produzida por Buitrago *et al.* (2007), *Español en Marcha*, produzida por Viúdez, Díaz e Franco (2006), *Código ELE*, produzida por Álvarez, López e Sánchez (2012) e *Aula Internacional*, produzida por Corpas, García e Garmendia (2013), voltadas para cursos regulares de língua estrangeira; e o livro *Gramática de español para brasileños*, produzida por Fanjul (2014), voltada para cursos de graduação. Em nenhum material foi encontrada referência ao “*se*” tético e seu uso na língua espanhola. Ainda que esta tenha sido uma análise restrita de materiais, é possível que ainda em outros também não haja referência a essa partícula.

Por fim, no que tange às contribuições desse estudo para o entendimento sobre a aquisição de L2, parece-nos que os resultados descritos até aqui ressaltam o caráter de não uniformidade que possui esse processo (Macwhinney, 2005). Nos resultados, percebemos que, tanto em nível intermediário quanto em avançado, a média dos resultados não refletia necessariamente o desempenho individual dos sujeitos, tendo em vista que alguns aprendizes utilizavam e aceitavam o “*se*” tético ao passo que outros,

não. Entendemos, nessa direção, que a aquisição de informações aspectuais também depende de fatores individuais no processo de aprendizagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha por objetivo verificar a aquisição do “se” télico por falantes nativos do português brasileiro aprendizes de espanhol como L2. Para tanto, foram aplicados dois testes, um de produção semiespontânea e um de julgamento de gramaticalidade comentado, a aprendizes em curso de graduação em espanhol divididos nos níveis intermediário e avançado.

Os resultados indicaram que o desempenho dos aprendizes não é uniforme, uma vez que, tanto no nível intermediário quanto no avançado, há sujeitos que utilizam o “se” télico e sujeitos que não o utilizam, ao mesmo tempo em que alguns consideram sua presença nas sentenças como gramatical e outros como agramatical. Observamos também que, em termos de produção e compreensão, não há diferença significativa entre os resultados dos sujeitos em nível avançado e nível intermediário. Além disso, em ambos os níveis, a quantidade de aceitação do “se” télico é maior do que sua produção.

Questionamo-nos ainda se a produção e a aceitação do “se” télico nas sentenças devem ser entendidas como um indicativo de que o aprendiz tenha adquirido os contextos morfossintáticos em que deve ser usado. Logo, pretendemos ainda verificar se os aprendizes também produziram ou aceitariam esse clítico aspectual em sentenças que, para falantes nativos do espanhol, seriam consideradas agramaticais. Tal investigação nos permitiria verificar se os aprendizes chegam a adquirir os contextos de uso e restrições sintático-semânticas desse clítico aspectual.

Além disso, consideramos importante ampliar a quantidade de participantes da pesquisa, tanto de sujeitos em nível intermediário quanto avançado. Pretendemos também verificar se aprendizes em níveis mais básicos utilizam e aceitam a presença do “se” télico para realização da telicidade no espanhol como L2.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, B.; LÓPEZ, O.; SÁNCHEZ, A. *Código ELE: Español Lengua Extranjera curso para adolescentes*. Madrid: Edelsa, 2012.
- ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. The primacy of aspect in first and second language acquisition: the pidgin- creole connection. *In: RITCHIE, W.; BHATIA, T. Handbook of second language acquisition*. California: Academic Press, 1996. p. 527-560.
- ARAÚJO, T. A aquisição da morfologia verbal no PB e a categoria de aspecto. *Linguística*, v. 14, p. 89-105, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n3a22620>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- BASSO, R. Telicidade e Detelicização. *Revista Letras*, Curitiba, n. 72, p. 215-232, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v72i0.7542>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- BERTINETTO, P. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. *In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GAUSTI, M. (ed.). Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI, 2001. p. 177-210.
- BUITRAGO, A.; DÍEZ, M.; DOMÍNGUEZ, R.; MARTIN, E.; MARTÍN, M.; NATAL, M. *Español Lengua Viva*. São Paulo: Moderna, 2007.
- CASTILHO, A. Aspecto verbal no português falado. *In: ABAURRE, M.; RODRIGUES, A. (org.). Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003. v.8. p. 83-121.

- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- COAN, M.; FEITAG, R.; PONTES, V. Aspecto Inerente: análise sociofuncional de formas verbais imperfectivas de passado em espanhol. *SIGNUM: Estudos da linguagem*, n. 16, v. 2, p. 39-65, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/20198>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CORPAS, J.; GARCÍA, E.; GARMENDIA, A. *Aula Internacional*. España: Difusión, 2013.
- DAHL, Ö. *Logic, Pragmatic and Grammar*. Gotemborg: University of Göteborg, Department of Linguistics, 1977.
- DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática Descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 2977-3060.
- DE MIGUEL, E.; LAGUNILLA, M. El Operador Aspectual Se. *Revista Española de Lingüística*, v. 30, n. 1, p. 13-43, 2000. Disponível em: <http://revista.sel.edu.es/index.php/revista/article/view/1640>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- DECLERCK, R. Aspect and bounded/unbounded (telic/atelic) distinction. *Linguistics*, n. 17, p. 761-794, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/ling.1979.17.9-10.761>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- D'INTRONO, F.; GONZÁLEZ, V.; RIVAS, J. Aspectos sintácticos y semánticos del pronombre SE. *Boletín de Lingüística*, v. 19, n. 28, p. 5-25, 2007. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0798-97092007000200001. Acesso em: 1 ago. 2023.
- FANJUL, A. *Gramática de español para brasileños*. São Paulo: Moderna, 2014.
- FREITAG, R. Aspecto inerente e passado imperfectivo no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação. *Alfa*, n. 55, v. 2, p. 477-500, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4737>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- GOMES, J. Determinantes plurais na expressão de telicidade: o clítico aspectual “se” no espanhol da Colômbia e do Chile. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 30, n. 1, p. 137-174, 2022a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.1.137-174>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- GOMES, J. Considerações teóricas sobre a telicidade: uma abordagem comparativa. *Linha D'Água*, v. 35, n. 2, p. 140-159, 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v35i2p140-159>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- GOMES, J. *Telicidade e sua compatibilidade com expressões adverbiais durativas no espanhol*. 2017. 38 f. Monografia (Licenciatura em Letras Português – Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- GOMES, J. C. da S.; MARTINS, A. L. Telicidade e determinantes plurais indefinidos no espanhol da Espanha. *Domínios da Linguagem*, v. 14, n. 2, p. 482-509, 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DL42-v14n2a2020-6>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- GOMES, J. C. da S.; MARTINS, A. L. El “se” tético y la delimitación del complemento verbal en el español de Argentina y de Venezuela. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1-23, 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n2.id183>. Acesso em: 1 ago. 2023.

- GOMES, J. C. da S.; MARTINS, A. L.; RODRIGUES, F. de C. The linguistic impairment of the perfect aspect in Alzheimer's Disease and Logopenic Primary Progressive Aphasia. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id528> Acesso em: 1 ago. 2023.
- KULIWOSKI, M.; GONZÁLEZ, N. Español para brasileños. Sobre por donde determinar la justa medida de una cercanía. *Anuario brasileño de estudios hispánicos*, n. 9, 11-19, 1999. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=29967>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- LÓPEZ, C. Las construcciones con se: estado de la cuestión. In: LÓPEZ, C. *Las construcciones con se*. Madrid: Visor Libros, 2002. p. 18-167.
- LOURENÇONI, D. *Telicidade e sua realização pelo operador aspectual se no espanhol*. 2017. 138f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- LOURENÇONI, D. *O traço de telicidade e suas realizações no português do Brasil e no espanhol do Chile*. 2014. 52f. Monografia (Graduação em Letras Português – Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- MARTIN, I. *Síntesis: curso de lengua española: ensino médio*. São Paulo: Ática, 2010.
- MARTINS, A.; GOMES, J.; LOURENÇONI, D. Telicidade e expressões adverbiais durativas no espanhol da Espanha: uma análise a partir do se tético. *Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem*, Brasília, DF, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/20331>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- MACWHINNEY, B. A unified model of language acquisition. In: KROLL, J.; GROOT, A. (ed.). *Handbook of bilingualism: Psycholinguistic approaches*. New York: Oxford University Press, 2005. p. 49-57.
- MOURE, T. El contenido aspectual telicidad en las cláusulas biactanciales del español. *Verba*, n. 18, p. 353-374, 1990. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10347/3161>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- ROTHSTEIN, S. *Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspect*. Amsterdam: Benjamins, 2008.
- SANZ, M. *Events and predication: a new approach to syntactic processing in English and Spanish*. Amsterdam: John Benjamins B. V., 2000.
- SANZ, M.; LAKA, I. Oraciones transitivas con se: El modo de acción en la sintaxis. In: LÓPEZ, C. (org.). *Las construcciones con se*. Madrid: Visor Libros, 2002. p. 309-336.
- SLABAKOVA, R. L1 Transfer revisited the L2 Acquisition of telicity marking in English by Spanish and Bulgarian native speakers. *Linguistics*, n. 38, v. 4, p. 739-770, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/ling.2000.004>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.
- SUÁREZ-CEPEDA, S. Pedro comió la torta vs. Pedro se comió la torta: L2 Acquisition of Spanish Telic se constructions. *Anuario* n. 7, p. 277-295, 2005. Disponível em: <https://repo.unlpam.edu.ar/handle/unlpam/7658>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- VENDLER, Z. Verbs and times. In: VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.
- VIÚDEZ, F.; DÍAZ, I.; FRANCO, C. *Español en Marcha: curso de español como lengua extranjera*. Madrid: Sgel, 2006.

VERKUYL, H. Aspectual composition: surveying the ingredients. *In*: VERKUYL, H.; SWART, H.; VAN HOUT, A. (ed.). *Perspectives on aspect*. Springer: 2002. p. 19-39.

WACHOWICZ, T. Telicidade e classes aspectuais. *Revista do Gel*, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/133>. Acesso em: 1 ago. 2023.

WHITE, L. *Second language acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.



Recebido em 08/02/2023. Aceito em 12/10/2023.